

***Les Ruines de Pompéi*: os projetos Josefino e Muratiano de desterro, conservação e restauro do construído arqueológico**

***Les Ruines de Pompéi*: the Josephine and Muratian projects for the excavation, conservation and restoration of archaeological built**

David Almeida Eleutério¹

Universidade de São Paulo (USP)

São Paulo | SP | Brasil

davideleuterio88@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0000-0334-4851>

Resumo: Este estudo tem por objetivo inquirir o contributo de *Les Ruines de Pompéi* na construção de uma das políticas arqueológicas mais modernas da Europa sob os reinados de José Bonaparte (1806-1808) e Joaquim Murat (1808-1815). Como se terá oportunidade de demonstrar, a *magnum opus* de Charles-François Mazois (1812-1838) nos faz olhar para a Antiguidade Clássica através do prisma do século XIX, ao passo que busca dar resposta à lacunosa contextualização arqueológica das ruínas e ao destino dos artefatos descobertos naqueles anos de intenso labor em Pompeia. O método de análise consiste no exame de arquivos e documentos coevos, além de explanar alguns exemplos, como o do Pistrinum VI 3,3.27.28, apresentando a proposta de reconstrução que o autor faz da habitação e unidade de produção, fato inédito, que nos coloca à disposição um relato valioso acerca do estado de conservação das várias estruturas no momento do desterro, informações não mais passíveis de ser obtidas, devido à ação dos agentes de ordem natural e antrópica. Os resultados apresentados, além de nos levar de volta às descobertas e à história da cidade vesuviana durante o decênio francês (1806-1815), nos permite identificar como foram concebidos os projetos Josefino e Muratiano de conservação e restauro durante a estação napoleônica. Com esse cruzamento de fontes originais, se conclui, que por meio da obra mazoniana se dá a definitiva transição da mera representação naturalística das ruínas

¹ Investigador do Laboratório de Arqueologia Romana Provincial (MAE/USP).

nas, para a percepção e contextualização do construído arqueológico na planimetria urbana de Pompeia.

Palavras-chave: arqueologia clássica; conservação e restauro; François Mazois; período napoleônico; Pompeia.

Abstract: This study aims to investigate the contribution of Les Ruines de Pompéi to the development of one of Europe's most modern archaeological policies under the reigns of Joseph Bonaparte (1806–1808) and Joachim Murat (1808–1815). As will be demonstrated, Charles-François Mazois' *magnum opus* (1812-1838) makes us look at Classical Antiquity through the prism of the 19th century, while seeking to respond to the incomplete archaeological contextualisation of the ruins and the fate of the artefacts discovered during those years of intense work in Pompeii. The method of analysis consists of examining contemporary archives and documents, as well as explaining some examples, such as Pistrinum VI 3,3.27.28, presenting the author's proposal for the reconstruction of the dwelling and production unit, an unprecedented fact that provides us with a valuable account of the state of conservation of the various structures at the time of excavation, information that can no longer be obtained due to the action of natural and anthropic agents. The results presented, in addition to taking us back to the discoveries and history of the vesuvian city during the french decade (1806-1815), allow us to identify how the Josephine and Muratian conservation and restoration projects were conceived during the Napoleonic era. With this cross-referencing of original sources, it can be concluded that Mason's work marks the definitive transition from the mere naturalistic representation of the ruins to the perception and contextualisation of the archaeological built in the urban planimetry of Pompeii.

Keywords: classical archaeology; conservation and restoration; François Mazois; Napoleonic era; Pompeii.

1 Introdução

“Abrimos várias ruas e um grande número de habitações foram postas a descoberto; enfim, uma larga e profunda trincheira, feita do lado de fora das muralhas, longa 600 toisas, possibilitou-nos conhecer de uma maneira mais precisa o sistema de defesa da cidade, a extensão das muralhas e os diversos géneros de construção que foram empregues”² (Mazois, 1812, p. 32, tradução própria).

Com estas palavras Charles-François Mazois introduz, em 1812, o primeiro dos quatro volumes da *magnum opus* – *Les Ruines de Pompéi* – resenha colossal do breve período de intenso trabalho do arquiteto francês nas ruínas de cidade vesuviana, obra que representaria um marco no progresso dos estudos pompeianos no primeiro quartel do século XIX. Mazois nasce em Lorient no ano de 1783 e, em 1803, se torna *pupille* de Charles Percier (1764-1838), fase na qual concorre por dois anos consecutivos, sem sucesso, como *pensionnaires* ao *Prix de Rome* (Verger, 2019, p. 92-94). Em 1808 decide acompanhar seu amigo Achille Leclerc (1785-1853) até Roma, onde conheceria o arquiteto Pierre-Adrien Pâris (1745-1819), mentor de Charles Percier (, 2016, p. 64). Contudo, será Hippolyte Lecomte (1781-1857), na qualidade de arquiteto e pintor da Corte Napolitana, que o apresentará a Carolina Murat (Batalla-Lagleyre, 2021, p. 92).

Graças ao mecenato da rainha consorte, Mazois residirá ininterruptamente em Nápoles entre os anos 1809 e 1811 (Irollo, 2012, p. 253-273). De fato, sob a égide Josefina e Muratiana (1806-1815) os sítios arqueológicos vesuvianos receberiam um avultado investimento da Casa Real, numa fase em que a Capital Meridional se torna um *foyer* cultural dos *connoisseurs* do *Grand Tour* (Gallo, 2018, p. 103). Foram anos de efervescente registo e catalogação, que proporcionariam a futura publicação do espólio proveniente do exponencial avanço de desterro das ruínas vesuvianas (Mazois, 1812; 1824).

Como teremos oportunidade de demonstrar, o avultado investimento do decênio francês propiciaria uma autêntica mudança de paradigma na forma

² Todas as traduções deste artigo são de própria autoria: “on a ouvert plusieurs rues, et un grand nombre d’habitations ont été rendues au jour; enfin une large et profonde tranchée, faite à l’extérieur des murailles, sur une longueur de 600 toises, a mis à même de connaître d’une manière plus précise le système de défense de la ville, l’étendue de ses remparts, et les divers genres de construction qu’on y a employés” (Mazois, 1812, p. 32). Acerca dos trabalhos de desterro do pano de muralha são pertinentes as considerações de Valentina Russo; cf. Russo (2014, p. 110).

como se concebiam os sítios arqueológicos vesuvianos (Bonucci, 1827, p. 12). De fato, a partir do ano de 1815 se torna prática dos sucessivos diretores deixar a descoberto os edifícios privados e públicos, conservando todas as estruturas murárias *in situ*, *pari passu* que se executa o registo topográfico das mesmas, o que permitiu finalmente, observar na integralidade a morfologia urbana (Coers, 2018, p. 96).

Abordagem que exigiria, gradativamente, a adoção de um novo quadro metodológico em prol da conservação e restauro do construído arqueológico (Demauro, 2020, p. 87-143). No que concerne à salvaguarda do acervo proveniente do progresso das atividades de desterro foi efetuada, progressivamente, a transferência das coleções para o *Museo Reale di Napoli* (Milanese, 2000, p. 141-160). Estamos perante uma fase estimulante da história do *mezzogiorno* italiano, como nos adverte Andrea Milanese, muito embora a breve estação napoleônica se revele pouco pacífica e certamente instável (Milanese, 1998, p. 347).

2 O projeto Josefino (1806-1808)

Os tempos, efetivamente, foram de instabilidade política (Lucchesi, 2017, p. 2-7). Após a breve experiência da Revolução Napolitana de 1799, a que sucede a República Partenopeia, proclamada pelo General Jean Étienne Championnet (1762-1800), Ferdinando IV novamente ver-se-ia obrigado a refugiar-se em terras sicilianas. Contudo, o instaurar do Primeiro Império Francês em Nápoles, personificado por José Bonaparte (1806-1808), traria aos sítios vesuvianos ventos em prol do incremento científico, sob um rigoroso controle Imperial (De Carolis, 2010, p. 105). Devemos, não obstante, considerar a urgência do recém-instaurado governo em transferir, sob propriedade própria, o patrimônio régio de Ferdinando IV. Como argumenta acerca Gennaro de Crescenzo:

pertencem à República francesa... todos os bens reais, incluso o patrimônio do Rei [...] todos os tesouros do País, os museus, as bibliotecas, tudo o que ainda se encontra sob as escavações de Pompéia e Herculano... (decreto de 3 de fevereiro de 1799) e longas caravanas carregadas de obras d'arte já partiam para Paris³ (De Crescenzo, 2018, p. 3, tradução própria).

³ “[...] appartengono alla Repubblica francese... tutti i beni reali compreso il patrimonio del Re [...] tutti i tesori del Paese, i musei, le biblioteche, tutto ciò che giace ancora sotto gli scavi di Pompei ed Ercolano... (decreto del 3 febbraio 1799) e lunghe carovane cariche di opere d'arte già partivano per Parigi” (Crescenzo, 2018, p. 3). Relativo a breve República Partenopeia e as condicionantes político-institucionais; cf. Rao (2021, p. 33-55).

De forma a reger o vasto e heterogêneo acervo borbônico, José Bonaparte, ao ser nomeado rei de Nápoles, no dia 30 de março de 1806, no dia consecutivo promulga o decreto que apartaria – ao menos em teoria – o patrimônio do Estado daquele pertencente à Coroa (Le Bars-Tosi, 2020, p. 34). Passado um ano, a diligência de José Bonaparte o induziria a promulgar, no dia 17 de março de 1807, um novo decreto que expressamente institui a *Accademia Reale di Storia e di Antichità*. A mesma compor-se-ia de um máximo de quarenta membros, dos quais os vinte primeiros seriam por nomeação régia, sendo *a posteriori* incumbência dos mesmos a indicação de três nomes para cada um dos cargos remanescentes. Acresce ao referido decreto, no artigo sexto, o fato de: “os diretores do Museu e das Escavações, dos papiros e da estamperia Real serão, necessariamente, escolhidos entre os membros da Academia”⁴ (Segreteria di Stato, 1861, p. 31, tradução própria). Tal prerrogativa demonstra claramente a importância atribuída pelo Império Napoleônico à direção do acervo do Museu, da publicação do prosseguimento dos trabalhos de desterro, bem como do espólio proveniente dos sítios vesuvianos.

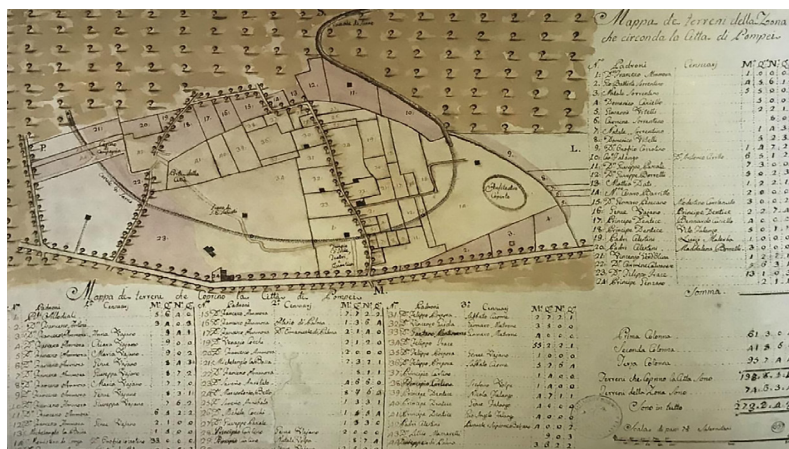
Tamanha envergadura assume o projeto Josefino que, no dia 4 de janeiro de 1808, seria emitido o decreto de expropriação de todos os terrenos localizados sobre as ruínas de Pompeia (Figura 1), como estipulado nos artigos primeiro e segundo do despacho régio:

1. Os terrenos, que cobrem a cidade destruída de Pompeia, serão adquiridos por nossa conta e delegados ao núcleo das escavações daquelas antiguidades.
2. Os terrenos, supramencionados, serão avaliados e os proprietários terão em câmbio terrenos de igual valor, pertencentes aos nossos domínios e localizados nas imediações⁵ (Segreteria di Stato, 1813, p. 4-5, tradução própria).

⁴ “[...] i direttori del Museo, e degli Scavi, dei papiri e della stamperia Reale saranno necessariamente scelti fra i membri dell’*accademia*” (Segreteria di Stato, 1861, p. 31). No que concerne às alterações normativas após a restauração do domínio borbônico; cf. Santucci; Tamajo Contarini (2007, p. 241-244).

⁵ “1. I terreni, che cuoprono la distrutta città di Pompej, saranno acquistati per nostro conto, e addetti al fondo degli scavi di quelle antichità. 2. I terreni suddetti saranno apprezzati, ed i possessori avranno in cambio terreni d’egual valore, appartenenti ai nostri demanj, e posti ne’ luoghi vicini” (Segreteria di Stato, 1813, p. 4-5). Atualmente, o mapa das expropriações efetuadas no decurso do governo napoleônico encontra-se conservado no Archivio Disegni della Soprintendenza Speciale per i Beni Archeologici di Napoli e Pompei (SANP), todavia, a descrição dos proprietários e o exame detalhado do processo foi tema de publicação por Stefania Adamo Muscettola (cf. Muscettola, 2001, p. 29-49).

Figura 1 – Mapas dos terrenos que cobrem a cidade de Pompei



Fonte: Scognamiglio, 1807.

Michele Arditi (1746-1838), na qualidade de diretor do Museu de Nápoles, foi encarregado de elaborar o plano prévio de intervenção, bem como a futura sistematização e restauro do espólio proveniente da campanha de escavação (Morisco, 2014, p. 103-108). Tal nomeação se deu considerando a equipe de curadores, arquitetos e artistas-restauradores, que trabalhava em contínua colaboração com a instituição do Museu, o que possibilitou o pleno funcionamento das várias oficinas de restauro (Milanese, 2007, p. 81-101).

A composição eclética da coleção, que *pari passu* vinha a ser constituída, possuía desde pinturas parietais, repertório escultórico, mármoreo e brônzeo, além de uma série de materiais vítreos e metálicos (Irollo, 2007, p. 59-79). Progressivamente, a extração dos pavimentos em *opus vermiculatum*, *opus tessellatum* e *opus sectile* das habitações herculanenses e pompeianas, conduziria à criação de setores expositivos com vista a recriar o contexto decorativo original, como forma de dar testemunho e documentar os modelos arquitetônicos clássicos (Milanese, 2013, p. 20).

3 O projeto Muratiano (1808-1815)

Sob a égide de Joaquim Murat (1808-1815), as cidades vesuvianas converter-se-iam em autênticos monumentos de propaganda da regência napoleônica (Scognamiglio, 2016, p. 58-68). Contrariamente ao seu predecessor, durante a estação muratiana, não foram nomeados exclusivamente franceses para ocupar

altos cargos administrativos, mas personalidades influentes em ambiente napoletano, como é o caso de Giuseppe Capecelatro, que assumiria o Ministério do Interior, entre os anos de 1808-1809 (La Paglia, 2021, p. 158). Em 1809, seria a vez de Charles-François Mazois chegar no *mezzogiorno* italiano, residindo ininterruptamente na Corte Partenopeia entre os anos 1809 e 1811, período no qual beneficiaria do mecenato pessoal da rainha consorte (Irollo, 2012, p. 253-273).

Além dele é notório o ciclo de compatriotas que orbitavam na Corte, como é o caso do preceptor dos filhos do Casal Real, o Conde Frédérix de Clarac, e de Aubin-Louis Millin, erudito que chegaria na Capital Meridional em março de 1812 e permaneceria até finais de 1813, ano em que publica a *Description des tombeaux qui ont été découverts à Pompei dans l'année 1812*, opúsculo dedicado a Carolina Bonaparte, coevo da *Fouille faite à Pompei en présence de S.M. la Reine des Deux Siciles, le 18 mars 1813*, publicação igualmente dedicada a rainha regente (Clarac, 1813, p. 45-50; Millin, 1813, p. I-IV).

De fato, tamanho era o estímulo régio que, no dia 3 de outubro de 1808, Carolina Bonaparte visita Pompeia, na companhia dos Ministros do Interior, das Finanças e da Guerra. Expressa o empenho de angariar fundos com vista ao desterro do complexo urbano:

renovando inclusive as ordens ao Ministro das Finanças, para que de todas as maneiras solicitasse a permuta dos terrenos, os quais cobrem aquela cidade destruída: permuta dois anos atrás projetada pelo senhor Arditi e pelo Rei José com o seu decreto aprovado, mas, por vários incidentes, não concedido até agora⁶ (Fiorelli, 1860, p. 234, tradução própria).

A monarca soma ao erário estatal 2000 ducados mensais para o pagamento das jornas, que, de acordo com os registros, perfaziam 624, em meados de setembro de 1813, apenas para a remoção dos terrenos onde se localiza o Anfiteatro (De Caro, 2015, p. 9). Nesta árdua tarefa de gerir os trabalhos de desterro de Pompeia, assume particular relevo Raffaele Minervini, de tal forma que lhe são concedidas as áreas expropriadas extramuros por decreto régio de 16 de março de 1815 (Borea, 2017, p. 102). O empenho de Carolina Murat no progresso das campanhas vesuvianas, todavia, deve ser interpretado como iniciativa régia de legitimação da recém-instaurada Corte Muratiana. Pertinente ao tema são as considerações de Elena Papagna:

⁶ “[...] rinnovando anche gli ordini al Ministro delle Finanze, perchè sollecitasse in tutt’i modi la permuta de’fondi, i quali cuoprono quella distrutta città: permuta infino da due anni addietro progettata dal cav. Arditi, e dal Re Giuseppe con suo decreto approvata, ma per vari accidenti non eseguita finora” (Fiorelli, 1860, p. 234). Relativamente aos entraves à execução das campanhas de escavação por Michele Arditi, em Pompei, cf. Pepe (1887, p. 19-28).

nos anos passados em Nápoles, o colecionismo, como sinal indispensável de pertença social, tornou-se um dos interesses permanentes da rainha, diversificando-se e alimentando-se de inúmeras contribuições, sintomáticas da pluralidade de suas curiosidades culturais⁷ (Papagna, 2007, p. 58, tradução própria).

Progressivamente, com Joaquim e Carolina Murat, observamos que o interesse por Pompeia transita do mero colecionismo de obras de arte e extração de pinturas parietais para o reconhecimento do traçado urbano e da morfologia arquitetônica da cidade vesuviana (Toscano, 2018, p. 140). De fato, durante a breve estação muratiana (1808-1815), a percepção da arquitetura pompeiana se dá numa busca de restituir a planimetria urbana, a volumetria dos edifícios e do seu aparato decorativo, confrontando *in loco* os cânones descritos nos quinto e sexto livros do Tratado Vitruviano (Demauro, 2020, p. 59-85).

Todavia, precisaríamos de esperar pela publicação da obra *Pompeiana: the Topography of Edifices and Ornaments of Pompeii*, da autoria de William Gell e John Peter Gandy, cuja primeira edição em língua inglesa foi impressa entre os anos de 1817 e 1819, para verificarmos a alteração do método de registro e interpretação neoclássica das ruínas (Dessales, 2019)⁸. Como refere Jason Thompson:

o valor da publicação da obra *Pompeiana* reside, principalmente, nas suas ilustrações, que são organizadas topograficamente, de modo que o leitor parece deambular pelas ruas de Pompeia, a observar várias habitações ao longo do caminho. Mapas detalhados fornecem orientação⁹ (Thompson, 2019, p. 59, tradução própria).

⁷ “[...] negli anni napoletani il collezionismo come irrinunciabile segno di appartenenza sociale entrò stabilmente tra gli interessi della regina, diversificandosi e alimentandosi di numerosi apporti, sintomatici della pluralità delle sue curiosità culturali” (Papagna, 2007, p. 58). Exemplo disto é o mecenato da escavação da Casa della Regina Carolina VII 3,14: “her patronage supported the excavation, as well as the production of an accurate plan of the house by the project architect, François Mazois. Writing in 1824, Mazois refers to the house as partially excavated, and Gell and Gandy say that Queen Caroline ‘instituted an excavation’ in this street in 1813” (cf. Barrett; Gleason; Marzano, 2020, p. 5).

⁸ A notoriedade da publicação em língua inglesa é advertida no prefácio da obra: “Pompeii was begun upon in 1748; and it may at first excite our surprise that from this date to the present day, no work has appeared in English language upon the subject of its domestic antiquities, except a few pages by Sir. William Hamilton.” (cf. Gell; Gandy, 1817-1819, p. IX-X). A edição, da autoria de Sir. William Hamilton, mencionada diz respeito apenas a uma breve descrição da primeira fase de desterro das ruínas (cf. Hamilton, 1777).

⁹ “Pompeiana’s value lies primarily in its illustrations, which are organized topographically so that the reader seems to stroll down a Pompeian street, looking into various houses along the way. Detailed maps provide orientation” (Thompson, 2019, p. 59). Contudo, devemos ter em atenção a edição póstuma da obra às campanhas militares napoleônicas em Itália e ao advento do Style Empire (1803-1821). Ambos fatores estimularam o caráter formativo da publicação, cuja estrutura antevia no confronto *in loco* dos vestígios arqueológicos, os mode-

Não obstante, Charles-François Mazois, na obra *Le Palais de Scaurus, ou Description d'une Maison Romaine*, cuja primeira edição data igualmente de 1819, faz uso de um procedimento expositivo onde prevalece a descrição do edifício com base em fontes clássicas e nos respectivos cânones vitruvianos acerca da morfologia habitacional (Mazois, 1822, p. 39-125). Modelo no qual se converge a reedição da obra *Pompeiana*, em 1832, uma vez que se acrescentam a referida explicação técnica do aparato construtivo e decorativo as medições dos ambientes. Exemplo do que foi dito é facultado pela minuciosa descrição do *vestibulum* da *Domus del Poeta Tragico* VI 8, 3-5: “o ingresso, ou *vestibulum*, tem cerca de seis pés de largura e quase trinta de comprimento; e uma cortina, ou porta, pode ter sido colocada na entrada do *atrium*”¹⁰ (Gell; Gandy, 1832, p. 146, tradução própria).

4 *Les Ruines de Pompéi*: conservação e restauro do construído arqueológico

François Mazois permanece na Corte Partenopeia até o princípio do ano de 1811, quando regressa a Roma para redigir a versão final do texto e dar seguimento a árdua tarefa de incisão e sistematização gráfica, de onde seguiria para Paris, de forma a concluir o projeto editorial de *Les Ruines de Pompéi* (Bouquillard, 2002, p.17-29). No entanto, sabemos que esteve novamente em Nápoles no ano de 1813 e, ainda, em 1814, desta última vez se fazendo acompanhar do pintor Jean-Auguste-Dominique Ingres (Irollo, 2012, p. 256).

O apreço e empenho de François Mazois na empresa editorial das ruínas vesúvianas, teve imediata repercussão por toda a França e, sucessivamente, no ciclo intelectual

los difundidos no gosto decorativo e arquitetônico europeu, como defende Katharine T. von Stackelberg e Elizabeth Macaulay-Lewis: “reception studies have shown that the (re)interpretation of (ancient) texts is diverse and complex. How is this diversity reflected in the reception of ancient architecture? Partly through the identification of source material. Many eighteenth and nineteenth-century architects and patrons gained their knowledge of Classical antiquity through archaeological publications rather than firsthand experience [...] were often collected by architects and patrons and served as directed inspirations for their houses and interiors” (cf. Stackelberg; Macaulay-Lewis, 2017, p. 14). Acerca do contributo de Pompeia na constituição do Style Empire, cf. Van Eck, 2018. Acerca da adoção do Pompeian Style: Nichols, 2017, p. 126-152.

¹⁰ “[...] the passage entry, or vestibule, is about six feet wide, and nearly thirty in length; and a curtain, or door, may have been placed at the entry of the atrium” (Gell; Gandy, 1832, p. 146). Igualmente, na obra de Charles-François Mazois, o *vestibulum* é descrito nos seguintes termos: “de trois côtés, cette place est ceinte de portiques spacieux, au moyen desquels on arrive à couvert jusqu’à la porte du logis, qui n’a rien de remarquable que deux pilastres surmontés de chapiteaux et d’un entablement assez riche, au-dessous duquel pendent des sonnettes. A droite et à gauche de cette porte, on trouve des salles disposées pour y attendre l’heure de la réception: cet ensemble forme ce que l’on appelle à Rome le vestibule” (cf. Mazois, 1822, p. 41-42).

europeu, graças ao seu registro e descrição acurados, se fez acompanhar de inúmeros relevos e plantas dos monumentos públicos e privados, que permitiam aos olhos de seus contemporâneos adentrar nas casas e edifícios pompeianos (Toscano, 2018, p. 142).

Figura 2 – Frontispício da obra
de *Les Ruines de Pompéi*



Fonte: Mazois, 1812.

De fato, acerca do método sob o qual se procedia ao desterro das estruturas, a nos informar é François Mazois, o qual não esconde a insatisfação pelo emprego de mulheres e crianças na remoção da terra em pequenos cestos transportados à cabeça (Figura 3). Porém, reconhece que esta prática não degradava as ruínas, o que não acontecia com o regimento de 1500 sapadores destacados do exército francês:

esta visão fiel, de uma escavação, dá uma ideia dos trabalhos pelos quais se descobre os monumentos de Pompeia. Certamente, declarar-se-ão contrários à maneira lenta e dispendiosa de remover a terra, com cestos transportados por mulheres e crianças, que só podem ser levemente carregados; no entanto, este método tem as suas vantagens, como será visto mais abaixo. Durante a ocupação militar pelos Franceses, o governo empregou um regimento de sapadores para a movimentação da terra, cheguei a ver até mil e quinhentos trabalhadores. Mas esses homens, estranhos às artes, tinham pouco respeito pelos monumentos e contribuía para degradá-los; pelo que foram obrigados a valer-se dos soldados apenas para o desterro das muralhas e do anfiteatro¹¹ (Mazois, 1812, p. 81, tradução própria).

¹¹ “[...] cette vue fidèle, d’une fouille, donne une idée des travaux à l’aide desquels on décou-

Figura 3 – Fouilles à Pompéi



Fonte: Sain, 1865. Pertenceu a Carlos Luís Napoleão Bonaparte (1867) e, atualmente, integra à coleção do Musée d'Orsay.

O próprio François Mazois relata, entusiasticamente, o desterro da *Casa del Panettiere* VI 3, 3.27.28:

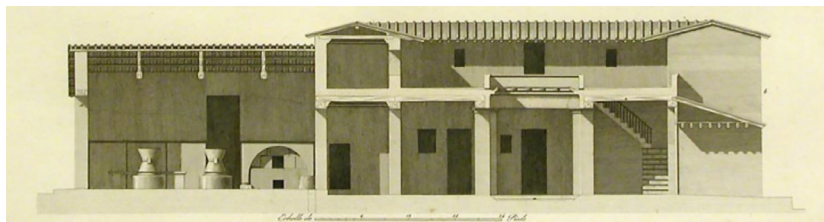
foi, com efeito, difícil defender-me do vivo sentimento de interesse, vendo reaparecer a pouco e pouco esta habitação ocupada mil e oitocentos anos antes por um homem, que se entregava a uma profissão útil, e cujas oficinas pareciam não ter sido abandonadas que por alguns dias¹² (Mazois, 1824, p. 56).

vre les monuments de Pompéi. On se récriera certainement contre la manière dispendieuse et lente d'enlever les terres, avec des paniers portés par des femmes et des enfants, qui ne peuvent être que légèrement chargés; cependant elle a ses avantages, comme on le verra plus bas. Durant l'occupation militaire par les Français, le gouvernement employa un régiment de sapeurs à ces mouvements de terre, j'y ai vu jusqu'à quinze cents travailleurs. Mais ces hommes, étrangers aux arts, avaient peu de respect pour les monuments, et se faisaient parfois un jeu de les dégrader; on fut obligé de ne se servir des soldats que pour la fouille des murailles et celle de l'amphithéâtre" (Mazois, 1812, p. 81). Acerca do método de desterro empregue pelo contingente militar (cf. Caracciolo, 2018).

¹² "[...] été en effet difficile de se défendre d'un vif sentiment d'intérêt en voyant reparaître peu-à-peu cette habitation occupée dix-huit cents ans auparavant par un homme livré à une profession utile, et dont les ateliers semblaient n'avoir été abandonnés que depuis peu de jours" (Mazois, 1824, p. 56).

Para nós, todavia, a importância deste acontecimento reside na proposta de reconstrução que o autor faz da habitação e respectiva unidade de produção, fato inédito, além de colocar-nos à disposição informação valiosa acerca do estado de conservação originário das várias estruturas não mais passíveis de ser obtidas, devido à ação dos agentes de ordem natural e antrópica (Figura 4).

Figura 4 – Projecto da Casa del Panettiere VI 3,3.27.28



Fonte: Mazois. 1824.

Recentemente, a missão conduzida por Nicolas Monteix, ao individuar os níveis de circulação ao momento do evento telúrico do 79 d.C., identificou sob o forno a existência de uma adega (Monteix *et al.* 2013, p. 9-14; Monteix *et al.* 2023). Além disto, tudo indica que o edifício foi objeto da campanha expedicionária, sob a ordem do próprio imperador Tito, que encarregou ex-cônsules (*Curatores restituendae Campaniae*) de supervisionar os trabalhos de recuperação de bens e resolver as questões legais relativas à propriedade privada, os quais deveriam fornecer os meios financeiros para mitigar o flagelo que afetou as populações que não haviam sucumbido à destruição provocada pelo Vesúvio. Tal evento é narrado por Suetônio, no décimo primeiro livro da obra *De Vita Caesarum* (Suet. V.C. XI, 8).¹³ De fato, a subtração da soleira e dos elementos metálicos do *panificium*, provocariam a destruição parcial do forno e consideráveis perdas documentais (Monteix, 2024, p. 144).

Em Pompeia, os problemas de conservação revelaram ser uma constante a nível estrutural (Varone, 1990, p. 43). Porém, será o repertório pictórico a receber, durante a gestão francesa, particular atenção, graças à Andrea Celestino¹⁴ (1773-

¹³ Suetônio descreve o ocorrido nestes termos: “Curatores restituendae Campaniae e Consularium numero sorte duxit. Bona oppressorum in Vesevo, quorum haeredes non extabant, restitutioni affectarum civitatum attribuit” (cf. De Man, 2007, p. 119).

¹⁴ Relativo à atividade de Andrea Celestino na oficina de restauro do MANN, o mesmo consta no registro de intervenções: “è il caso delle lesioni sul fondo rosso della dipinto con Vittoria MAN inv. n. 8940 – oggetto di un vero e proprio restauro mimetico attuato da Andrea Celestino subito dopo la scoperta, avvenuta alla fine del 1812” (cf. Giovannone; Guglielmi, Prisco, 2009, p. 40).

1830) e Raffaele Ciappa¹⁵ (1760-1820). No dia 30 de janeiro de 1811, foi apresentada a Michele Arditì uma relação em cinco artigos sobre as causas do deterioramento e dos mecanismos para controle e prevenção (D'Alconzo, 2002, p. 71). Razão que levaria a publicação no mesmo ano do prospecto de François Mazois para *Casa del Panettiere* VI 3, 3.27.28, que se fez acompanhar da descrição do sistema produtivo e da importância que o consumo cerealífero assumia na sociedade romana, da versão da *Maison de Boulanger* de Jacques Félix Duban¹⁶ (1798-1870), a qual acresce ao estudo da morfologia do edifício, à representação fiel da habitação e unidade de produção após as pontuais intervenções de consolidação estrutural e de restauro (Figura 5).

Figura 5 – Propecto da Maison de Boulanger VI 3,3.27.28



Fonte: Duban. 1824.

Examinando o estado de conservação da unidade arquitetônica VI 3,3.27.28, é de suma importância referir que estamos perante uma das estruturas desta tipologia primeiramente descobertas em Pompeia (Stefani, 2005, p. 139).¹⁷ O edifício em questão foi submetido ao processo de desterro entre os anos de 1809 e 1810, sendo

¹⁵ No registro dos membros ativos na oficina, após a reforma organizativa executada por Michele Arditì, consta o nome de Raffaele Ciappa: “nominato pittore e restauratore de’ quadri (con 30 ducati), anche se, in effetti, dalla documentazione risulta ben poco operoso, e dal 1809 non più presente in organico” (cf. D’Alconzo, 2007, p. 135).

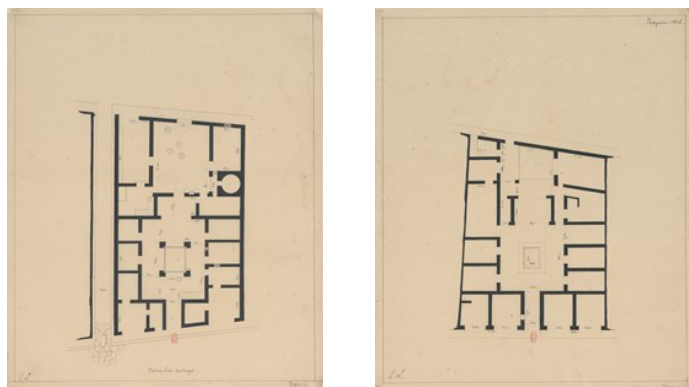
¹⁶ No que concerne o estudo de Jacques Félix Duban, o mesmo encontra-se disponível no arquivo da École Nationale Supérieure des Beaux-Arts, sendo composto pela planta e o respectivo prospecto do edifício (cf. Duban, 1824; número de inventário I: PC 40425-2-112; número de inventário II: PC 40425-2-114).

¹⁷ Relativamente à descrição de François Mazois devemos, entretanto, considerar o lapso ocorrido ao classificar a Domus/Pistrinum VI 3,3.27.28, como se tratando do terceiro, e não do segundo, edifício desta tipologia a ser desterrado em Pompeia. O lapso de Mazois é completamente compreensível, visto a descoberta ter ocorrido em 1809 e os trabalhos de remoção dos terrenos sobrestantes terem sido concluídos apenas em 1810, contemporaneamente ao início do desterro do cognominado Panificio dei Christiani VI 6,17.21, que seria desterrado em três campanhas distintas, respectivamente, nos anos de 1810, 1813 e 1815 (cf. Della Corte, 1965).

somente precedido pelo *pistrinum* localizado imediatamente no ângulo setentrional, no ponto de interseção entre os eixos viários da *Via Consolare* e *Vicolo di Mercurio*, uma pequena unidade produtiva, originalmente parte integrante da *Domus di A. Cossius Libanus* VI 2,6 (La Torre, 1988, p. 97; Milan, 2009, p. 31-32). No entanto, o resultado da ação atmosférica, antrópica, geohidrológica e sísmica sobre as estruturas murárias, após 215 anos, é visível, muito embora realizados os esforços das campanhas de consolidação estrutural decorridas (Mayeske, 1972, p. 95-96).

Aos referidos compatriotas franceses, que contribuíram, soma-se Pierre-François-Henri Labrousse (1801-1875). Caberia a Labrousse realizar um detalhado exame comparativo dos edifícios VI 3, 3.27.28 e VI 3, 7.25.26, no qual constam todas as medições dos ambientes e as respectivas estruturas internas (Figuras 6 e 7), no curso da sua viagem à Itália entre 1824 e 1830 (Vallery-Radot; Weigert, 1953, p. 395-411).

Figuras 6 e 7 – Estudo métrico Pistrinum VI 3,3.27.28 e Domus VI 3,7.25.26

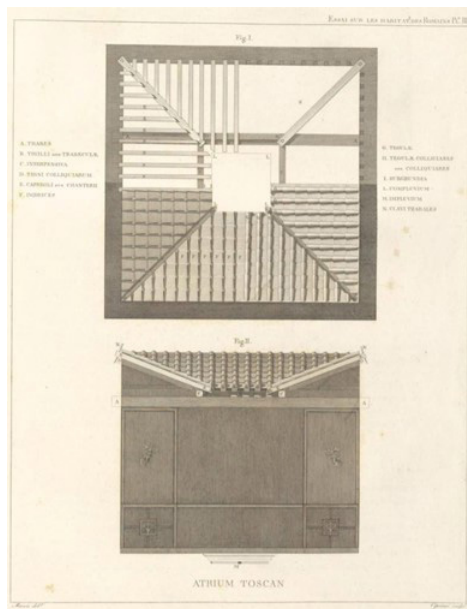


Fonte: Labrousse, 1824-1830.

O caso da *Domus* VI 3,3.27.28 é um dos muitos contributos que constam no *corpus* de *Les ruines de Pompéi*, de François Mazois. De fato, será Mazois o primeiro a apresentar uma proposta de reconstrução dos átrios das habitações pompeianas, submetendo a confronto a descrição vitruviana e o construído arqueológico, como podemos verificar na planta e seção do travejamento do *atrium tuscanicum*, consideradas ainda hoje nas intervenções de recuperação estrutural (Salassa, 1999, p. 91-115). Como o próprio refere: “depois de descrever o átrio toscano, achei que talvez fosse útil traçar uma figura exata dessa parte das habitações romanas; conseqüentemente,

reuni nesta prancha tudo o que as ruínas de Pompeia puderam me oferecer, a esse respeito, em termos de detalhes e indicações”¹⁸ (Mazois, 1812, p. 34, tradução própria).

Figura 8 – Planta e seção do *atrium tuscanicum*



Fonte: Mazois, 1812.

Considerações finais

A reflexão sobre a arquitetura doméstica e as relações entre habitação e modo de habitar constituem um dos elementos mais inovadores de *Les Ruines de Pompéi*, de Charles-François Mazois (Bergamasco *et. al.*, 2017, p. 3). A estadia do arquiteto e desenhista francês na Corte Partenopeia durante o triênio (1809-1811) permitiu, de fato, responder a algumas questões deixadas em aberto pelo sexto livro do

¹⁸ “[...] après avoir décrit l’atrium toscan, j’ai cru qu’il serait peut-être utile de tracer une figure exacte de cette partie des habitations romaines; en conséquence j’ai rassemblé dans cette planche tout ce que les ruines de Pompéi ont pu m’offrir, à cet égard, de détails et d’indications” (Mazois, 1812, p. 34). Acerca da breve estadia francesa e da percepção da arquitetura habitacional pompeiana, cf. Gallo, 2015, p. 348.

tratado de Vitrúvio, sendo a primeira narrativa a oferecer-nos uma leitura integral da cidade vesuviana, além de pôr-nos à disposição detalhes fundamentais e indicações úteis às futuras intervenções conservativas e de restauro do construído arqueológico (Batalla-Lagleyre, 2021, p. 107).

Não obstante, a inexistência de um *corpus* de registro uniforme para as fases borbônica e francesa, acarretaria, em diversas circunstâncias, a perda da informação relativa ao momento do desterro, bem como às posteriores intervenções pontuais sobre a edificação privada e pública (Villani, 2011, p. 24-26). A este obstáculo poria término, durante a gestão administrativa de Giuseppe Fiorelli, a publicação dos três volumes da *Pompeianarum Antiquitatum Historia* (Fiorelli, 1860-1864). Contudo, por se tratar de uma coletânea, tornam-se compreensíveis as lacunas e incongruências com as vozes, em si mesmas, dissonantes das publicações prévias. Como adverte Jan Kurek:

entre os anos de 1824 e 1838, foi publicada a primeira coleção abrangente de desenhos e plantas de Pompeia, da autoria do arquiteto e ilustrador francês Charles-François Mazois. Em 1860, Giuseppe Fiorelli iniciou escavações arqueológicas sistemáticas em Pompeia. Pesquisadores sucessivos gradualmente descobriram e reconstruíram parcialmente a planimetria espacial da cidade e seus edifícios individuais — foram construídas coberturas e reforçadas paredes, e as fases pré-romanas do desenvolvimento da cidade também foram investigadas ¹⁹ (Kurek, 2024, p. 106, tradução própria).

Diante do que foi apresentado, o árduo projeto editorial conduzido por Charles-François Mazois na redação, incisão e sistematização gráfica de *Les Ruines de Pompéi* possibilitou a compreensão da cidade vesuviana como um contexto urbanístico que merecia um estudo exaustivo, sendo parte de suas pranchas descritas detalhadamente como objeto de estudo pelos *pensionnaires* do *Prix de Rome* (Verger, 2019, p. 92-94). Ao regressar definitivamente à França, no ano de 1820,

¹⁹ “[...] in the years 1824–1838, the first comprehensive collection of drawings and plans of Pompeii by French architect and illustrator Charles Francois Mazois was published. In 1860, Giuseppe Fiorelli began systematic archaeological digs in Pompeii. Successive researchers gradually uncovered and partially reconstructed the city’s spatial layout and its individual buildings – canopies were built and walls were reinforced, and pre-Roman phases of the city’s development were likewise investigated” (Kurek, 2024, p. 106). Para mais considerações, cf. Fiorelli 1861; 1875.

publicaria algumas biografias em *La Galerie Française*, além de recensões críticas para a *Revue Encyclopédique* (Mazois, 1821, p. 322-327; Gallo, 2018, p. 114-115). No decurso da publicação do terceiro volume de *Les Ruines de Pompéi* morreria, no dia 31 de dezembro de 1826, acometido de uma crise apoplética (Gau, 1829, p. 24).

O contributo de sua vida e obra para os estudos pompeianos se reveste de particular importância, uma vez que assinala a definitiva transição da mera representação naturalística das ruínas, para uma verdadeira percepção e contextualização do construído arqueológico na planimetria urbana de Pompeia (Russo, 2022, p. 16). Será sob a égide Josefina e Muratiana, graças à publicação da *magnum opus* mazoniana, que se iniciará a escrita de um novo capítulo na conservação e restauro da cidade vesuviana.

Referências

BARRETT, C.; GLEASON, K.; MARZANO, A. The Casa della Regina Carolina (CRC) Project, Pompeii: Preliminary Report on 2018 and 2019 Field Seasons. *The Journal of Fasti Online*, Rome, series 492, p. 1-29, 2020. Disponível em: <https://www.fastionline.org/files/original/1389121d0b244d87bc5a873d15f83c27df4370b6.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2026.

BATALLA-LAGLEYRE, G. Reinventing the Architectural Drawing in Pompeii: Objectivity and Romanticism around 1830. *Getty Research Journal*, Los Angeles, n. 13, p. 87-120, 2021. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/48766606?seq=1>. Acesso em: 03 mai. 2026.

BERGAMASCO, I. *et al.* An Integrated Approach to the Conservation of the Roofing Structures in the Pompeian Domus. *Journal of Cultural Heritage*, Amsterdam, v. 31, p. 141-151, 2017. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1296207417306738>. Acesso em: 03 abr. 2026.

BONUCCI, C. *Pompei descritta da Carlo Bonucci architetto*. Napoli: Da Torchi di Raffaele Miranda, 1827.

BOREA, S. Imprevista Pompei: restauro e valorizzazione del margine sud-occidentale della Città Antica (1905-1961). 2017. Tesi (Dottorato in Patrimonio Architettonico e Paesaggio: Storia e Restauro, XXIX Ciclo) – Università degli Studi di Napoli Federico II, Napoli, 2017.

BOUQUILLARD, J. Les Ruines de Pompéi de Mazois, genèse d'une publication archéologique au début du XIXe siècle. *Nouvelles de L'Estampes*, Paris, n. 181, p. 17-32, 2002. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2404359>. Acesso em: 03 mai. 2026.

CARACCILO, M. T. Un musée pour la reine de Naples: Caroline Murat et François Mazois. In: DELPU, P. M.; MOULLIER, I.; TRAVERSIER, M. (éd.). *Le royaume de Naples à l'heure française: revisiter l'histoire du decennio francese (1806-1815)*. Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion, 2018. p. 335-350.

CLARAC, F. *Fouille faite à Pompei en présence de S.M. la Reine des Deux Siciles, le 18 mars 1813*. [S.l.: s.n.], 1813.

COERS, B. *Die Farbe des Vergangenen: Pompeji in der Kunst der Moderne*. Berlin: LIT Verlag, 2018.

D'ALCONZO, P. *Pinturæ Excisæ: conservazione e restauro dei dipinti Ercolanesi e Pompeiani tra XVIII e XIX secolo*. Roma: L'Erma di Bretschneider, 2002. (Série Studi della Soprintendenza Archeologica di Pompei, 8).

D'ALCONZO, P. Da “imbrattatele” a “uomo di merito nella restaurazione. Giovanni d'Episcopo, restauratore di dipinti del Real Museo di Napoli tra Antico Regime e Decennio Francese. In: D'ALCONZO, P. (a cura di). *Gli Uomini e le Cose*. I. figure di restauratori e casi di restauro in Italia tra XVIII e XX Secolo. Napoli: ClioPress, 2007. p. 119-155.

DE CARO, S. Excavation and Conservation at Pompeii: A Conflicted History. *The Journal of Fasti Online: Archaeological Conservation Series*, Roma, series 3, p. 1-31, 2015. Disponível em: <https://www.fastionline.org/files/original/5649b1b7e49021dce7ac6e4fbd48c8e5927e8052.pdf>. Acesso em: 03 mai. 2026.

DE CAROLIS, S. Il periodo francese (1799-1815). In: AA. VV. (a cura di). *Pompei e il Vesuvio: scienza, conoscenza ed esperienza*. Roma: Gangemi Editore, 2010. p. 105-108.

DE CRESCENZO, G. L'altro 1799: massacri, saccheggi e il giudizio (negativo) di Mazzini sulla Repubblica Napolitana. *Quaderni per la verità storica: altre fonti, altre storie*, Napoli, n. 1, p. 1-8, 2018. Disponível em: <https://www.altaterradilavoro.com/laltro-1799-massacri-saccheggi-e-il-giudizio-negativo-di-mazzini-sulla-repubblica-napoletana/>. Acesso em: 03 mai. 2026.

DELLA CORTE, M. *Case ed abitanti di Pompei*. Napoli: Fausto Fiorentino Editore, 1965.

DE MAN, A. *As vidas dos doze Césares*. Lisboa: Edições Sílabo, 2007, v. 3.

DEMAURO, T. *Restauri a Pompei (1748-1860)*. Studi e ricerche del Parco Archeologico di Pompei 44. Roma: L'Erma di Bretschneider, 2020.

DESSALES, H. *Recueils de William Gell: Pompéi publiée et inédite 1801-1829*. Paris: Hermann Éditeurs, 2019.

- DUBAN, J. Pompéi, maison de boulanger. In: DUBAN, J. *Dessin d'architecture et ornement*. Paris: Archives de l'École Nationale Supérieure des Beaux-Arts, 1824. PC 40425-2-114.
- FIORELLI, G. *Pompeianarum antiquitatum historia*. Napoli: Edit. Prid. Kal. Decembris, 1860-1964, v. 1-4.
- FIORELLI, G. *Giornale degli scavi di Pompei*. Napoli: Stamperia della Reale Università, 1861.
- FIORELLI, G. *Descrizione di Pompei*. Napoli: Tipografia Italiana, 1875.
- GALLO, L. *Des réalités d'autrefois et un cratère plein de mystère par dessus: architetti francesi a Pompei*. In: OSANNA, M.; CARACCILO, L.; GALLO, L. (a cura di). *Pompei e l'Europa 1748-1943*. Milano: Mondadori Electa, 2015. p. 345-351.
- GALLO, L. Metodo e scienza: François Mazois (1783-1826), ingegnere, architetto e restauratore. In: GALLO, L.; MAGLIO, A. (a cura di). *Pompei nella Cultura Europea Contemporanea*. Napoli: Artstudiopaparo, 2018. p. 103-115.
- GAU, J. F. C. Notice. In: MAZOIS, C. F. *Les Ruines de Pompéi: troisième partie. [Monuments publics, portiques, etc...]*. Paris: Firmin Didot Frères, 1829, 3^a partie, p. 24.
- GELL, W.; GANDY, J. *Pompeiana: The Topography, Edifices and Ornaments of Pompeii, the Result of Excavations since 1819*. London: Rodwell & Martin Publishers, 1817-1819, 3 v.
- GELL, W.; GANDY, J. *Pompeiana: The Topography, Edifices and Ornaments of Pompeii, the Result of Excavations since 1819*. London: Jennings and Chaplin Publishers, 1832. v. 1.
- GIOVANNONE, C.; GUGLIELMI, A.; PRISCO, G. Stucature ed integrazioni. In: PRISCO, G. (a cura di). *Filologia dei materiali e trasmissione al futuro: indagini e schedatura sui dipinti murali del Museo Archeologico Nazionale di Napoli*. Roma: Gangemi Editore, 2009. p. 37-44.
- HAMILTON, W. *Account of the Discoveries at Pompeii, Communicated to the Society of Antiquaries of London*. London: W. Bowyer and J. Nichols, 1777.
- IROLLO, A. L'Officina dei restauri dei marmi del Real Museo Borbonico: spunti per la storia, le figure professionali e i metodi. In: D'ALCONZO, P. (a cura di). *Gli Uomini e le Cose*. Napoli: ClioPress, 2007. V. I: Figure di restauratori e casi di restauro in Italia tra XVIII e XX secolo, p. 49-79.
- IROLLO, A. Carolina Murat, François Mazois e l'antico. In: BUCCARO, A.; LENZA, C.; MIGLIORINI, P. (a cura di). *Il Mezzogiorno e il Decennio: architettura, città, territorio*. Comitato Nazionale per le Celebrazioni del Bicentenario del "Decennio Francese". Napoli: Giannini Editore, 2012. p. 253-274.

KUREK, J. Pompeii and Herculaneum: Ancient Cities at the Foot of a Volcano. *Przestrzen I Forma*, Warsaw, n. 58, p. 99-124, 2024. DOI: 10.21005/pif.2024.58.E-01.

LA PAGLIA, S. *Memorabilia Pompeiana (1748-1830): Antiquities from Pompeii in the European Collections*. Thesis (PhD in Cognitive and Cultural Systems Track in Analysis and Management of Cultural Heritage XXXIII Cycle) – Lucca IMT School for Advanced Studies, Lucca, 2021.

LA TORRE, G. Gli impianti commerciali ed artigiani nel tessuto urbano di Pompei. In: DELL'ORTO, L. (a cura di). *Pompei: l'informatica al servizio di una città antica*. Roma: L'Erma di Bretschneider, 1988. p. 73-102.

LE BARS-TOSI, F. La parentesi francese: l'archeologia nel Regno al tempo di Giuseppe Bonaparte e Gioacchino Murat (1806-1815) attraverso l'esempio dei destini vari di vasi antichi. In: MALACRINO, C.; QUATTROCCHI, A.; DI CESARE, R. (a cura di). *Archeologia, tutela e restauri nel Mezzogiorno Preunitario*. Reggio Calabria: Kore, 2020. p. 33-41.

LUCCHESI, M. La confisca nel Regno di Napoli: primi spunti ricostruttivi. *Mélanges de l'École Française de Rome – Italie et Méditerranée Modernes et Contemporaines*, Paris, v. 129, n. 2, p. 1-14, 2017. Disponível em: <https://journals.openedition.org/mefrim/3107>. Acesso em: 03 mai. 2026.

MAYESKE, B. *Bakeries, Bakers and Bread at Pompeii: A Study in Social and Economic History*. Ann Arbor: University of Marlyand Press, 1972.

MAZOIS, C. F. *Les Ruines de Pompéi, dessinées et mesurées par F. Mazois pendant les années MDCCCIX, MDCCCX, MDCCCXI*. Ouvrage continue par M. Gau. Paris: Pierre et Ambroise Firmin Didot, 1812. v. 1.

MAZOIS, C. F. Archéologie. Commentaire de Sextus Jul. Frontin, sur les aqueducs de la ville de Rome. Traduit avec le texte de regard par J. Rondelet. *Revue Encyclopédique*, Paris, p. 322-327, 1821. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k105912f>. Acesso em: 03 mai. 2026.

MAZOIS, C. F. *Le Palais de Scaurus, ou description d'une maison romaine, fragment d'un voyage fait a Rome, vers la fin de la République*. 2. é. Paris: De L'Imprimerie de Frimin Didot, 1822.

MAZOIS, C. F. *Les Ruines de Pompéi, dessinées et mesurées par F. Mazois pendant les années MDCCCIX, MDCCCX, MDCCCXI*. Ouvrage continue par M. Gau. Paris: Pierre et Ambroise Firmin Didot, 1824. v. 2.

MILAN, T. *Impianti di panificazione a Pompei*. 2009. Tesi (Laurea in Conservazione dei Beni Culturali) – Università Ca'Foscari di Venezia, Venezia, 2009.

MILANESE, A. Il Museo Reale di Napoli al tempo di Giuseppe Bonaparte e di Gioacchino Murat. Le prime sistemazioni del “museo delle statue” e delle altre raccolte (1806-1815). *Rivista dell'Istituto Nazionale d'Archeologia e Storia dell'Arte*, serie 3, anni 19-20, p. 345-405, 1998. Disponível em: <https://www.inasaroma.org/patrimonio/wp-content/uploads/2021/10/12-A.-MILANESE-Il-Museo-Reale-di-Napoli.pdf>. Acesso em: 03 mai. 2026.

MILANESE, A. Sulla formazione e i primi allestimenti del Museo Reale di Napoli (1777-1830). Proposte per una periodizzazione. In: ASCIONE, I. (a cura di). *Beni culturali a Napoli nell'Ottocento*. Pubblicazioni degli Archivi di Stato 61. Roma: Libreria dello Stato, 2000. p. 141-160.

MILANESE, A. “Pour ne pas choquer l'oeil” Raffaele Gardiulo e il restauro di vasi antichi nel Real Museo di Napoli: opzioni di metodo e oscillazioni di gusto tra 1810 e 1840. In: D'ALCONZO, P. (a cura di). *Gli Uomini e le Cose: figure di restauratori e casi di restauro in Italia tra XVIII e XX secolo*. Napoli: ClioPress, 2007, v. 1, p. 81-101.

MILANESE, A. Exhibition and Experiment: A History of the Real Museo Borbonico. In: RISSE, E.; SAUNDERS, D. (ed.). *The Restoration of Ancient Bronzes Naples and beyond*. Los Angeles: The J. Paul Getty Museum Publications, 2013. p. 13-29.

MILLIN, A. L. *Description des tombeaux qui ont été découverts à Pompei dans l'année 1812*. Naples: De L'Imprimerie Royale, 1813.

MONTEIX, N.; ZANELLA, S.; AHO, S.; MACARIO, R.; PROUDFOOT, E. Pompéi, Pistrina: recherches sur les boulangeries de l'Italie romaine. *Chronique des activités archéologiques de l'École française de Rome – Les cités vésuviennes*, Roma, p. 1-21, 2013. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cefr/954>. Acesso em: 03 mai. 2026.

MONTEIX, N.; LEPETZ, S.; NOÛS, C. La Cave de la Boulangerie VI 3, 3.27-28 à Pompéi. *Bulletin archéologique des Écoles françaises à l'étranger – Italie*, Roma, p. 1-12, 2023. Disponível em: <https://journals.openedition.org/baefe/9810>. Acesso em: 03 mai. 2026.

MONTEIX, N. Chaînes opératoires et organisation humaine de la production: travailler dans les boulangeries de Pompéi. In: CHEVAL, C.; LANGLOIS, O.; LAUVVERS, M.; PALUMBI, G.; PROCOPIOU, H. (éd.). *Acteurs techniques, acteurs sociaux: des vestiges matériels à l'organisation sociale du travail de la Préhistoire à nos jours*. Nice: Éditions APDCA, 2024. p. 141-153.

MORISCO, M. Gli inventari del Museo Archeologico Nazionali di Napoli. *Rivista di*

Studi Pompeiani, Roma, v. 23, 2014, p. 103-108. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26202902>. Acesso em: 03 mai. 2026.

MUSCETTOLA, S. Problemi di tutela a Pompei nell'Ottocento: il fallimento del progetto di esproprio murattiano. In: GUZZO, P. (a cura di). *Pompei: scienza e società: Atti del Convegno Internazionale*. Milano: Mondadori Electa, 2001. p. 29-49.

NICHOLS, M. Domestic Interiors, National Concerns: The Pompeian Style in the United States. In: STACKELBERG, K.; MACAULAY-LEWIS, E. (ed.). *Housing the New Romans: Architectural Reception and Classical Style in the Modern World*. Oxford: University Press, 2017. p. 126-152.

PAPAGNA, E. La corte murattiana. In: RUSSO, S. (a cura di). *All'ombra di Murat: studi e ricerche sul decennio francese*. Bari: Edipuglia, 2007. p. 27-62.

PEPE, L. *Gli Scavi di Pompei notizie tratte dai documenti originali: valle di Pompei: tipografia editrice dell'Avv. Bartolo Longo*, 1887.

RAO, A. M. *La Repubblica Napoletana del 1799*. Napoli: FedOAPress, 2021.

RUSSO, D. Il Panificio VI 2,6 di Pompei nelle vedute del XIX secolo. *Rivista di Studi Pompeiani*, Roma, v. 33, p. 13-26, 2022. Disponível em: <https://www.lerma.it/download/3425/3ea23deb8852/pagine-da-9788891327697.pdf>. Acesso em: 03 mai. 2026.

RUSSO, V. Intorno all'antico: conservazione e fruizione delle mura di Pompei. In: VERONESE, L. (a cura di). *Pompei accessibile: per una fruizione ampliata del sito archeologico*. Roma: L'Erma di Bretschneider, 2014. p. 105-117.

SAIN, E. *Fouilles à Pompéi*. 1865. Óleo sobre tela, 119,5 cm x 172 cm.

SALASSA, C. M. Le coperture di restauro a Pompei. *Rivista di Studi Pompeiani*, Roma, v. 10, p. 91-115, 1999. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/27327861>. Acesso em: 03 mai. 2026.

SANTUCCI, M.; TAMAJO CONTARINI, M. Fra accademia e museo: casi di restauro di dipinti del Real Museo Borbonico di Napoli negli anni quaranta dell'Ottocento. In: D'ALCONZO, P. (a cura di). *Gli Uomini e le Cose: figure di restauratori e casi di restauro in Italia tra XVIII e XX secolo*. Napoli: ClioPress, 2007, v. 1. p. 241-263.

SEGRETERIA DI STATO. *Bullettino delle Leggi del Regno di Napoli Anno 1808*. Napoli: Stamperia della Segreteria di Stato, 1813.

SEGRETERIA DI STATO. *Collezione delle Leggi de Decreti e di altri atti riguardanti la pubblica istruzione promulgati nel già Reame di Napoli dall'anno 1806 in poi*. Napoli: Stamperia e Cartiere del Fibreno, 1861. V. 1: 1806-1820.

SCOGNAMIGLIO, O. Clarac e gli altri: disegnatori di Pompei alla Corte di Carolina Murat. In: OSANNA, M. et al. (a cura di). *Pompei nell'archeologia e nell'arte dal neoclassico al post-classico*. Milano: Mondadori Electa, 2016. p. 58-65.

STACKELBERG, K.; MACAULAY-LEWIS, E. Architectural Reception and the Neo-Antique. In: STACKELBERG, K.; MACAULAY-LEWIS, E. (ed.). *Housing the New Romans: Architectural Reception and Classical Style in the Modern World*. New York: Oxford University Press, 2017. p. 1-23.

STEFANI, G. *Cibi e sapori a Pompei e dintorni: antiquarium di Boscoreale*. Pompei: Flavius Editore, 2005.

THOMPSON, J. *Queen Caroline and Sir William Gell: A Study in Royal Patronage and Classical Scholarship*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2019.

TOSCANO, G. I Murat e l'archeologia nel Regno di Napoli: testimonianze di Aubin-Louis Millin da lettere e disegni della Bibliothèque Nationale de France. *Atti del 2° Convegno Internazionale La Cattedrale e l'Imperatore – Re Gioacchino Murat “urbanista innovatore”*, pubblicazione dell'Associazione Culturale Club Federiciano, Altamura, n. 5, p. 136-172, 2018.

VALLERY-RADOT, J; WEIGERT, R. *Labrousse: architecte de la Bibliothèque Nationale de 1854 à 1875*. Inventaire du fonds Henri Labrousse, architecte, conservé au département des estampes et de la photographie. Paris: Bibliothèque Nationale de France, 1953.

VAN ECK, C. The Style Empire and its Pedigree: Piranesi, Pompeii and Alexandria. *Architectural Histories*, v. 6, n. 1, p. 1-16, 2018. Disponível em: <https://journal.eahn.org/article/id/7555/>. Acesso em: 03 mai. 2026.

VERGER, A. Rome vaut bien un prix: une élite artistique au service de l'État: les pensionnaires de l'Académie de France à Rome de 1666-1968. *Artl@s Bulletin*, v. 8, n. 2, p. 82-98, 2019. Disponível em: <https://docs.lib.purdue.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1227&context=artlas>. Acesso em: 03 mai. 2026.

VILLANI, S. *Le protezioni delle aree archeologiche: architettura per l'archeologia*. 2011. Tesi (Dottorato in Storia e Conservazione dell'Oggetto d'Arte e d'Architettura) – Università degli Studi di Roma Tre, Roma, 2011.

Data de submissão: 09/09/2025.
Data de aprovação: 05/11/2025.